

O SIGNIFICADO DO 9 DE ABRIL

Como nos anos anteriores, comemora-se hoje patrioticamente a data de 9 de Abril, que é de derrota, e que os nacionalistas sectários pretendem à viva força fazer entrar na História de Portugal, como data gloriosa.

O patriotismo cego, absurdo, tem destas contradições: proclamar acto glorioso uma sova que se leva, por incúria, por falta de organização, por desleixo nacional.

Estas comemorações patrióticas contêm sempre muito de odiosamente racional e regressivo. Estes minutos de silêncio vazios de significação racional, impostos a uma população indiferente, visam a introduzir no espírito popular um religioso sentimento de respeito pelos mortos, de medo ao além, que torna os homens moldáveis a todas as imposições absurdas da autoridade.

Estas comédias patrióticas que se impõem para não serem raciocinadas por aqueles a quem são impostas, favorecem a reacção católica, mãe de todas as reacções conservadoras. Agitando o espectro dos mortos que tombaram na guerra, devido a rivalidades de cofres fortes, os padres aproveitam o ensejo para, explorando a saudade e o sentimentalismo de um povo, o levarem a ajoelhar submissos e contrito perante os ridículos ídolos da Igreja. E' nestes dias que as missas e as festividades religiosas se multiplicam. Não há solenidade patriótica onde o padre não se introduza a explorar a vaga crença nacionalista. A espada e a cruz deram-se sempre bem, porque uma significa a submissão brutal e violenta e a outra a castração do espírito.

Faz hoje anos morderam convulsivamente as neves sinistras da Flanqueira alguns soldados sem culpas

que foram inconscientemente arremessados para a guerra, a fim de garantir negócios da Furness e manobras internacionais do capitalismo. Enquanto portugueses e alemães, irmãos em humanidade, tombavam ensanguentados, políticos e financeiros, a coberto de todos os perigos, faziam cálculos, sonhavam a posse dos carvões do Ruhr ou do petróleo de Mossul. E um ou outro desgraçado que a dar heroicamente a sua vida, o fazia na ilusão vã e linda de bem servir a sua terra apenas fazia peso com o seu cadáver na balança dos negócios que se realizavam à custa do seu sacrifício.

A guerra é um negócio. Gerada por um critério falso de fronteiras que dividem os homens e acendem ódios entre os povos, ela tem sido hábilmente explorada por criaturas que, não arriscando a pele, se limitam a colher os lucros da carnificina.

O povo ainda não esqueceu os anos de pesadelo da grande guerra. Enquanto seus filhos, longe dos seus entes queridos, se batiam pelos interesses capitalistas mundiais, a burguesia em Portugal, bem instalada, negociava com a fome das populações.

Fortunas colossais fizeram-se durante esse período de sofrimento e angústia. Enquanto o povo passava fome, havia quem se banqueteasse pantagruélicamente. E são esses que se deixaram obsecar por um chauvinismo estreito e incompreensível que pretendem agora obrigar uma população que tanto sofreu, sem culpas, a conservar-se reverente perante ídolos mentirosos, e a guardar dois minutos de silêncio em homenagem a uma guerra fratricida que merece um século de protestos.

A MORAL DELES...

Em Alcobaça um padre das peregrinações de Fátima desflora uma menor de 13 anos

ALCOBAÇA, 6. - Vem sendo há dias discutido com geral indignação, o repelente crime de desfloramento de uma menor de 13 anos, praticado por um apóstolo de "Fátima".

Na povoação de Turquel deste concelho, pertence a família de Joaquim Frei, a qual tomou conta da menor de 13 anos, Palmira do Carmo, que esteve ao cargo da Assistência Pública.

Esta família, que manifesta grande devoção à Nossa Senhora de Fátima, não só acolhia, como também se desfazia em amabilidades para com o padre da terra — um tal Joaquim do Carmo.

Este como todas as aves de rapina que usamotaina, começou a procurar tornar-se simpático à pequena Palmira, à qualchava sua irmã, por os apelidos de ambos coincidirem.

Este factinor conseguiu atrair à rateira a Palmira e aí a desflorou.

Apresentada a queixa ao administrador do concelho, este limitou-se a participar o sucedido para Assistência de Lisboa, a qual requereu exame médico. O padre abandonou a freguesia, evitando assim que o povo indagado com o crime o linchasse, refugiando-se em casa do padre de Benedicta, deste concelho.

No exame médico a que a Palmira foi submetida, provou-se que a violação estava em conformidade com as declarações da vítima.

O que nos surpreende é sabermos que o atestado médico já há 12 dias está em poder da Assistência sem que a mesma dê andamento ou proceda contra o padre.

E que nós sabemos que se movem altas influências para que este refinado canhão impune...

O que dizem a isto a sr. Patriarca e freiras da terra?

Não percam tempo porque já sabemos a resposta de sempre: foi por obra e graça do Espírito Santo!...

O padre no intuito de vencer a resistência da menor empregou várias citações religiosas, chegando a afirmar-lhe que tinha o poder de exprimir, por meio de determinado órgão sexual, a vontade de Deus!

As Novidades ainda se atrevem a dizer que sem educação religiosa não se pode ter uma conduta moral e digna?

Almanaque de «A Batalha»
192 páginas com muitas gravuras, preço 500.

O remédio... são orações

ROMA, 8. - O Papa dirigiu aos cardenais Pompei, vigário da diocese de Roma, uma carta expondo os grandes sofrimentos da igreja católica mexicana. Fez o elogio do episcopado, do clero e da população católica do México, os quais são vítimas de muitas perseguições, e convida os católicos da diocese de Roma a erger preces a Deus, esperando que todo o mundo católico seja exemplo. Os católicos mexicanos encontrariam um fundo reconforto quando soubessem que a família católica de todo o mundo pedia por eles. - (H.)

Os contramestres, marinheiros e moços da marinha mercante portuguesa, reunidos em sessão magna para apreciar a greve dos oficiais e o "lock-out" dos armadores, resolvem:

*1º Defender todas as regalias até hoje conquistadas.

*2º Manter a inscrição dos desembarcados, com os fins mencionados no segundo considerando desta moção, e nunca aceitar outro local de inscrição do pessoal desembarcado que não seja o seu sindicato profissional.

*3º Não reconhecer o direito à classe dos oficiais da M. M. de querer abolir uma disposição estatutária dñe sindicato, por ela em nada levar os seus direitos ou regalias.

Antes de encerrar a sessão foi verificado acríticamente o procedimento dos oficiais que estão despedindo os marinheiros enquanto eles ficam a fazer vigia, isto

contra os regulamentos da capitania, que exigem que os navios quando ao largo devem ter um terço da tripulação a bordo, para a sua segurança. Contra o procedimento destas entidades resolveu a assembleia protestar energicamente.

POLÍTICA & ROUBO, L. DA

UM EX-PRESIDENTE DE MINISTÉRIO E UM EX-ADMINISTRADOR DE CONCELHO ENVOLVIDOS NA BURLA DAS "SÉRIES RECUPERAVEIS"

Do Diário de Notícias, órgão oficial da famosa burla das "Séries recuperáveis", transcrevemos de entre os 12 anúncios de burlões que ontem publicava o seguinte que é bastante curioso e elucidativo:

Capital instantâneo

Praça Luís de Camões, 22, 2.º D.

20 contos
5 contos
1 conto
250 escudos

A TOPAS de pessoas que se inscrevam na nossa casa. Absoluta seriedade e única casa legalmente constituída e registrada. Inscrevem-se hoje mesmo. Nenhum dos escritórios instalados neste 2.º andar tem ligação com a nossa casa, sendo o Sr. L. Pinto único e simplesmente seu dono.

O Sr. L. Pinto, a que o anúncio se refere, é o sr. Liberato Pinto, antigo dono da G. N. R., e, portanto, dono militar da cidade de Lisboa, e antigo presidente do ministério. Como os leitores devem estar recordados, esta figura de destaque na política do país foi um dia preso e escorraçado da G. N. R. por ter cometido várias negociações sobremodo escandalosas. De então para cá a sua carreira política pode considerar-se naufragada, tendo sido o seu canto do cisne a revolução de 19 de Outubro e o jornal que ele possuía a Imprensa da Manhã, financiada pelo odioso capitalista internacional Alfredo da Silva.

O anúncio nem se atreve a publicar o nome do sr. Liberato Pinto; chama-lhe apenas o sr. L. Pinto.

As informações que nós temos dizem-nos que aquela "rateira" da praça do Camões tem como testa de ferro um tal Manuel Mendes. Esta criatura prestava-se a servir de cabeça de turco. E' o seu nome que aparece, a público ligado àquele infamíssimo conto do vigário; será ele amanhã, quando aquela autêntica e refinada gatinha desbaratar, quem será apodado de burlão. E na sombra ficarão cobardemente, jesuíticamente ocultas as figuras dos dois principais proprietários: o sr. Liberato Pinto e o tenente sr. Viegas Lata.

Aqueles dois proprietários da casa das "Séries Recuperáveis" da praça do Camões supunham que se retirariam ricos e felizes, com os bolsos atafulhados do dinheiro extorquido, por um processo digno de cadastrados, a muitos milhares de vítimas. Só o tal Manuel Mendes é que ficaria com o odioso. Mas, enganaram-se.

E' que se toda a imprensa se conserva silenciosa, corrompida pelo dinheiro dos burlões, o mesmo se não dá com a Batalha — único jornal que acode em auxílio dumha população ameaçada por um ludibrioso atividíssimo. E dai o sermos nós quem escarrapacha os nomes dos verdadeiros autores das muitas rateiras actualmente existentes em Lisboa.

Foi-lhe com a certeza de que eles não serão metidos na cadeia — visto que esta só se constitui para os que não têm a habilidade de se colocar à margem das sanções do Código Penal.

As duas personalidades que roubam o próximo na praça do Camões gravitaram em tempos nas esferas políticas. A do sr. Liberato Pinto é demasiado conhecida, disse o sr. L. Pinto.

No exame médico a que a Palmira foi submetida, provou-se que a violação estava em conformidade com as declarações da vítima.

O que nos surpreende é sabermos que o atestado médico já há 12 dias está em poder da Assistência sem que a mesma dê andamento ou proceda contra o padre.

E que nós sabemos que se movem altas influências para que este refinado canhão impune...

O que dizem a isto a sr. Patriarca e freiras da terra?

Não percam tempo porque já sabemos a resposta de sempre: foi por obra e graça do Espírito Santo!...

O padre no intuito de vencer a resistência da menor empregou várias citações religiosas, chegando a afirmar-lhe que tinha o poder de exprimir, por meio de determinado órgão sexual, a vontade de Deus!

As Novidades ainda se atrevem a dizer que sem educação religiosa não se pode ter uma conduta moral e digna?

Almanaque de «A Batalha»
192 páginas com muitas gravuras, preço 500.

Desinteresse

O dr. Catano de Menezes concedeu anteontem à Noite uma entrevista acerca do problema do inquilinato. E como o sr. Canha Leal é o director da gazeta para quem fala, o entrevistado entendeu dever engravar-lhe as bolas com esta frase de efeito: "Cunha Leal é um grande patriota. Ao contrário de muitos políticos põe acima da sua pessoa os interesses da nação." Bonito, hein? Vejam os leitores como "o grande patriota" foi para o Banco Ultramarino pôr os interesses da pátria acima dos seus interesses pessoais...

Desinteresse

Uma colaboradora do Diário de Lisboa que de quando em vez dá a beber aos seus leitores um chá das cinco requerendo e fraco — e que por ser fraco faz mal aos nervos — espôs-a de admiração perante a figura de Mussolini, lamentando que uma mulher o tivesse ferido no nariz. A referida colaboradora tem a impressão de que o "deve fascinar as mulheres, porque estas gostam do homem que sabe mandar".

Tomamos nota deste vulgar por menor de cidadão, que acoide a admiração perante a figura de Mussolini, lamentando que uma mulher o tivesse ferido no nariz. A referida colaboradora tem a impressão de que o "deve fascinar as mulheres, porque estas gostam do homem que sabe mandar".

Angola e Metrópole

O conselheiro Alves Ferreira, cujas costas temos deixado folgar por alguns dias, está irritado e não recebe reporters. Pretende isolar a opinião pública dos seus trabalhos e não quer que os jornalistas leiam no seu rosto a grande atrapalhação que lava no seu íntimo. Entretanto, sabe-se que os peritos que estão examinando as escritas do Conselho de Angola e Metrópole e da firma Alves Reis, Ltda., não só acham correctas como das melhores que no gênero fazem. Vão lá entender estas coisas!..

Batos

Durante a madrugada de ontem circularam alarmantes boatos de revolução e a polícia tomou medidas preventivas. Foram encerrados todos os cafés e clubes. As ruas assumiram um aspecto sinistro porque a polícia andava aos brios armada de carabina. Durante o dia de ontem os batos persistiram embora com menos intensidade e à noite as medidas de prevenção voltaram a ser tomadas. Afirmava-se para que não havia revolução na forja, mas apenas mais um filme ensaiado pelo António Maria...

Saiam quantos...

O Asilo Maria Pia criou uma biblioteca para os asilados. E' uma ideia louvável

que da nossa parte, que tanto pugnamos

pela difusão da educação, merece os mais

rasc�os e sinceros elogios. Mas o atitude

desprezo que se mostra é deplorável

e que a sua realização é deplorável

EM COIMBRA O Congresso dos Professores das Escolas Móveis

A 1.ª sessão, que foi presidida pelo dr. sr. Tomás da Fonseca, decorreu muito animada

COIMBRA, 7.—Abre a sessão o congresso sr. Nascimento Gomes, professor das Escolas Primárias Superiores, que produz várias considerações e convide para presidir o professor da Escola Normal Primária sr. Tomás da Fonseca, que se encontra na sala.

O congresso terá grande honra em ser presidido numa das suas sessões—diz o sr. Nascimento Gomes—por um dos maiores lutadores contra o analfabetismo e dos maiores amigos das Escolas Móveis.

Pode o discurso preliminar do sr. Nascimento Gomes tomar a presidência o sr. Tomás da Fonseca, que evoca o seu passado de árduos combates pela instrução do povo. Recorda a tentativa de criação, há muitos anos, em Coimbra, duma Universidade Livre, o concurso que tem prestado à fundação e funcionamento de várias Universidades Livres e Populares. Termina, convidando para secretariar os srs. João Soares Pinto, Eduardo Pinto e as sr.ªs D. Maria Esteves e D. Ermelinda Pereira.

O sr. Armando de Andrade propõe para relator geral do congresso o sr. Gélio Rocha. Como membro da Comissão de Melhoramentos e Defesa, lê o seu relatório. Nele, entre outras coisas, se lamenta a falta de solidariedade da parte da classe e se dá conta das dêmães que a comissão realizou junto do ministro da Instrução,

O congressista sr. Nascimento Gomes pede a palavra para falar sobre o relatório. Insurge-se contra várias matérias do relatório. Afirma que desconhece a existência da Comissão de Melhoramentos.

O sr. Manuel de Andrade usa da palavra para responder aos reparos do sr. Nascimento Gomes, que usa da palavra para explicações.

O sr. José Guerreiro fala também sobre o relatório e emite a proposta de ao sr. Duarte Ferreira ser enviado um telegrama entre outras coisas, protesta contra várias ilegalidades.

O sr. Valério Bôto revolta-se contra o autoritarismo revoltante de alguns actos da Comissão de Melhoramentos.

Responde-lhe, em nome da C. de Melhoramentos, o sr. Manuel de Andrade, estabelecendo-se curto diálogo, a que o presidente pôs termo.

Fala agora o sr. Santos Marcelo que, num curto discurso em que saída, os jornalistas e se mostra ignorante das lutas da classe, apresenta uma moção convidando o Congresso a passar à ordem da noite. É aprovada a sua moção.

Em seguida, procede à leitura do expediente o secretário sr. João Manta.

Passa-se à "Apreciação do art. 8.º da lei n.º 1823 de 14 de Dezembro de 1926".

O sr. Santos Marcelo fala sobre este assunto, propondo que, em virtude de haver sido revogada a legislação em questão, se passe a outro assunto.

Entre-se na discussão das "Comunicações Livres".

O congressista sr. Naves afirma que não é seu costume esculpizar os actos dos mortos, porque a isso se opõem seus sentimentos religiosos.

Abre, porém, uma exceção para se referir ao sr. José Nunes da Graça, de triste memória, que não cumpriu nunca com os seus deveres, não sendo senão um apagado da política, nada fazendo e abotanado com o ordenado de três ou quatro lugares. Foi um perseguidor da classe do professor móvel. José Nunes da Graça foi um desequilibrado, um neurasténico. Ele, orador, é uma das suas vítimas, ainda hoje sofrendo as consequências da tirania, da arbitrariedade do sr. Graça.

E' preciso fazer-se uma inteira revisão à obra de Nunes da Graça.

O sr. presidente lembra que já findaram os cinco minutos e que não deve prosseguir nos seus ataques a um morto, que é ele, presidente, conhecendo muito bem como uma grande inteligência, que fazia a honra de qualquer estabelecimento de ensino.

O sr. Naves prossegue. Uma senhora congressista, muito indignada, acerca-se da mesa da presidência, pedindo para não deixarem falar por mais tempo um indivíduo que, com seus ataques pessoais a um morto, está fazendo irritar o Congresso.

Falam, depois, os srs. Costa Marcelo e Nascimento Gomes que escalpelizam também as arbitrariedades com que Nunes da Graça tiranizou, prejudicou a classe, dando-lhe a revisão da obra daquele inspetor.

O sr. João Manta, secretário, propõe que na acta sejam exarados votos de homenagem a alguns vultos mortos que se interessaram pelo professorado das Escolas Móveis.

Propõe também que na acta sejam exarados votos de saudação à imprensa, que tanto interesse tem manifestado pelo movimento do professorado das Escolas Móveis.

O sr. Nascimento Gomes alvitra que se envie um telegrama de saudação ao dr. Sousa Júnior, criador das Escolas Móveis.

Propostas mais algumas saudações, foi a sessão encerrada com algumas palavras do presidente.

A II sessão está fixada para amanhã, às 9 horas.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete "Aguia", são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Madri e por via Funchal para a África Austral, Cap-Town, Elisabeth Africa Oriental, sendo da caixa geral a última tiragem da correspondência ordinária às 11 horas, e para a registada recebe-se até às 9 horas da manhã.

TEATRO APOLÔ

Emp. Ruas
Tel. II-4929

HOJE

E TODAS AS NOITES

o sacroso drama

O MÁRTIR DO CALVÁRIO

Esplêndidos scenários

Artística interpretação

'A Batalha' na província e arredores

Faro

Fantochada religiosa

FARO, 6.—Conforme noticiámos, lá saiu a fantochada religiosa do "Senhor Morto". O mulherio acorreu, em massa, com velas, a iluminar o "defunto".

A procissão era anunciada por "matracas" que eram levadas pelo Albano da Praça do Peixe, muito conhecido nesta cidade como um emérito explorador. Este indivíduo incorporou-se na procissão completamente embragado, o que denota bem o éxito que a Igreja tem na educação moral dos seus fieis.

A polícia cívica interessou-se sobremodo na procissão, e do seu excesso de zelo resultaram incidentes pitorescos, pouco faltando para que os policiais se envolvessem em desordem.

A Mesa da Misericórdia é que ficou altamente prejudicada com a venda dos balanços de árduos combates pela instrução do povo. Recorda a tentativa de criação, há muitos anos, em Coimbra, duma Universidade Livre, o concurso que tem prestado à fundação e funcionamento de várias Universidades Livres e Populares. Termina, convidando para secretariar os srs. João Soares Pinto, Eduardo Pinto e as sr.ªs D. Maria Esteves e D. Ermelinda Pereira.

O sr. Armando de Andrade propõe para relator geral do congresso o sr. Gélio Rocha. Como membro da Comissão de Melhoramentos e Defesa, lê o seu relatório. Nele, entre outras coisas, se lamenta a falta de solidariedade da parte da classe e se dá conta das dêmães que a comissão realizou junto do ministro da Instrução,

O congressista sr. Nascimento Gomes pede a palavra para falar sobre o relatório. Insurge-se contra várias matérias do relatório. Afirma que desconhece a existência da Comissão de Melhoramentos.

O sr. Manuel de Andrade usa da palavra para responder aos reparos do sr. Nascimento Gomes, que usa da palavra para explicações.

O sr. José Guerreiro fala também sobre o relatório e emite a proposta de ao sr. Duarte Ferreira ser enviado um telegrama entre outras coisas, protesta contra várias ilegalidades.

O sr. Valério Bôto revolta-se contra o autoritarismo revoltante de alguns actos da Comissão de Melhoramentos.

Responde-lhe, em nome da C. de Melhoramentos, o sr. Manuel de Andrade, estabelecendo-se curto diálogo, a que o presidente pôs termo.

Fala agora o sr. Santos Marcelo que, num curto discurso em que saída, os jornalistas e se mostra ignorante das lutas da classe, apresenta uma moção convidando o Congresso a passar à ordem da noite. É aprovada a sua moção.

Em seguida, procede à leitura do expediente o secretário sr. João Manta.

Passa-se à "Apreciação do art. 8.º da lei n.º 1823 de 14 de Dezembro de 1926".

O sr. Santos Marcelo fala sobre este assunto, propondo que, em virtude de haver sido revogada a legislação em questão, se passe a outro assunto.

Entre-se na discussão das "Comunicações Livres".

O congressista sr. Naves afirma que não é seu costume esculpizar os actos dos mortos, porque a isso se opõem seus sentimentos religiosos.

Abre, porém, uma exceção para se referir ao sr. José Nunes da Graça, de triste memória, que não cumpriu nunca com os seus deveres, não sendo senão um apagado da política, nada fazendo e abotanado com o ordenado de três ou quatro lugares. Foi um perseguidor da classe do professor móvel. José Nunes da Graça foi um desequilibrado, um neurasténico. Ele, orador, é uma das suas vítimas, ainda hoje sofrendo as consequências da tirania, da arbitrariedade do sr. Graça.

E' preciso fazer-se uma inteira revisão à obra de Nunes da Graça.

O sr. presidente lembra que já findaram os cinco minutos e que não deve prosseguir nos seus ataques a um morto, que é ele, presidente, conhecendo muito bem como uma grande inteligência, que fazia a honra de qualquer estabelecimento de ensino.

O sr. Naves prossegue. Uma senhora congressista, muito indignada, acerca-se da mesa da presidência, pedindo para não deixarem falar por mais tempo um indivíduo que, com seus ataques pessoais a um morto, está fazendo irritar o Congresso.

Falam, depois, os srs. Costa Marcelo e Nascimento Gomes que escalpelizam também as arbitrariedades com que Nunes da Graça tiranizou, prejudicou a classe, dando-lhe a revisão da obra daquele inspetor.

O sr. João Manta, secretário, propõe que na acta sejam exarados votos de homenagem a alguns vultos mortos que se interessaram pelo professorado das Escolas Móveis.

Propõe também que na acta sejam exarados votos de saudação à imprensa, que tanto interesse tem manifestado pelo movimento do professorado das Escolas Móveis.

O sr. Nascimento Gomes alvitra que se envie um telegrama de saudação ao dr. Sousa Júnior, criador das Escolas Móveis.

Propostas mais algumas saudações, foi a sessão encerrada com algumas palavras do presidente.

A II sessão está fixada para amanhã, às 9 horas.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Notícias

No noite de 30 do corrente realiza-se no Gimnásio a festa da secretaria da empresa Mário Mendes de Mascarenhas, sendo a récita, que apresenta numerosos atractivos, promovida por uma comissão de amigos seus.

A procissão era anunciada por "matracas" que eram levadas pelo Albano da Praça do Peixe, muito conhecido nesta cidade como um emérito explorador. Este indivíduo incorporou-se na procissão completamente embragado, o que denota bem o éxito que a Igreja tem na educação moral dos seus fieis.

A polícia cívica interessou-se sobremodo na procissão, e do seu excesso de zelo resultaram incidentes pitorescos, pouco faltando para que os policiais se envolvessem em desordem.

A Mesa da Misericórdia é que ficou altamente prejudicada com a venda dos balanços de árduos combates pela instrução do povo. Recorda a tentativa de criação, há muitos anos, em Coimbra, duma Universidade Livre, o concurso que tem prestado à fundação e funcionamento de várias Universidades Livres e Populares. Termina, convidando para secretariar os srs. João Soares Pinto, Eduardo Pinto e as sr.ªs D. Maria Esteves e D. Ermelinda Pereira.

O sr. Armando de Andrade propõe para relator geral do congresso o sr. Gélio Rocha. Como membro da Comissão de Melhoramentos e Defesa, lê o seu relatório. Nele, entre outras coisas, se lamenta a falta de solidariedade da parte da classe e se dá conta das dêmães que a comissão realizou junto do ministro da Instrução,

O congressista sr. Nascimento Gomes pede a palavra para falar sobre o relatório. Insurge-se contra várias matérias do relatório. Afirma que desconhece a existência da Comissão de Melhoramentos.

O sr. Manuel de Andrade usa da palavra para responder aos reparos do sr. Nascimento Gomes, que usa da palavra para explicações.

O sr. José Guerreiro fala também sobre o relatório e emite a proposta de ao sr. Duarte Ferreira ser enviado um telegrama entre outras coisas, protesta contra várias ilegalidades.

O sr. Valério Bôto revolta-se contra o autoritarismo revoltante de alguns actos da Comissão de Melhoramentos.

Responde-lhe, em nome da C. de Melhoramentos, o sr. Manuel de Andrade, estabelecendo-se curto diálogo, a que o presidente pôs termo.

Fala agora o sr. Santos Marcelo que, num curto discurso em que saída, os jornalistas e se mostra ignorante das lutas da classe, apresenta uma moção convidando o Congresso a passar à ordem da noite. É aprovada a sua moção.

Em seguida, procede à leitura do expediente o secretário sr. João Manta.

Passa-se à "Apreciação do art. 8.º da lei n.º 1823 de 14 de Dezembro de 1926".

O sr. Santos Marcelo fala sobre este assunto, propondo que, em virtude de haver sido revogada a legislação em questão, se passe a outro assunto.

Entre-se na discussão das "Comunicações Livres".

O congressista sr. Naves afirma que não é seu costume esculpizar os actos dos mortos, porque a isso se opõem seus sentimentos religiosos.

Abre, porém, uma exceção para se referir ao sr. José Nunes da Graça, de triste memória, que não cumpriu nunca com os seus deveres, não sendo senão um apagado da política, nada fazendo e abotanado com o ordenado de três ou quatro lugares. Foi um perseguidor da classe do professor móvel. José Nunes da Graça foi um desequilibrado, um neurasténico. Ele, orador, é uma das suas vítimas, ainda hoje sofrendo as consequências da tirania, da arbitrariedade do sr. Graça.

E' preciso fazer-se uma inteira revisão à obra de Nunes da Graça.

O sr. presidente lembra que já findaram os cinco minutos e que não deve prosseguir nos seus ataques a um morto, que é ele, presidente, conhecendo muito bem como uma grande inteligência, que fazia a honra de qualquer estabelecimento de ensino.

O sr. Naves prossegue. Uma senhora congressista, muito indignada, acerca-se da mesa da presidência, pedindo para não deixarem falar por mais tempo um indivíduo que, com seus ataques pessoais a um morto, está fazendo irritar o Congresso.

Falam, depois, os srs. Costa Marcelo e Nascimento Gomes que escalpelizam também as arbitrariedades com que Nunes da Graça tiranizou, prejudicou a classe, dando-lhe a revisão da obra daquele inspetor.

O sr. João Manta, secretário, propõe que na acta sejam exarados votos de homenagem a alguns vultos mortos que se interessaram pelo professorado das Escolas Móveis.

Propõe também que na acta sejam exarados votos de saudação à imprensa, que tanto interesse tem manifestado pelo movimento do professorado das Escolas Móveis.

O sr. Nascimento Gomes alvitra que se envie um telegrama de saudação ao dr. Sousa Júnior, criador das Escolas Móveis.

Propostas mais algumas saudações, foi a sessão encerrada com algumas palavras do presidente.

A II sessão está fixada para amanhã, às 9 horas.

DESPORTOS

FUTEBOL

Lisboa-Madrid Miliar

No "rápido" de Madrid partem hoje, pelas 11.40, com destino à capital do país vizinho, os srs. drs. Corvinel Moreira, Alfredo Guisado e Alexandre Ferreira que ali vão representar a Câmara Municipal de Lisboa no encontro das "equipes" militares de futebol de Lisboa e Madrid.

TIV

A BATALHA

DOUTRINAS POLÍTICO-SOCIAIS

"O SINDICALISMO"

(Conferência pelo nosso camarada Manuel Gonçalves Vidal, em 6 do corrente, na Universidade Popular Portuguesa)

As aspirações humanas como factores de evolução

As condições da existência humana nas sociedades modernas, não são possíveis no isolamento e desconhecimento de qualquer extremo pelo que se passa no outro.

Os meios de comunicação e transmissão do pensamento pondo em contacto o espírito humano, criando em todos os povos um sentimento de fraternidade vieram também criar e fortalecer a tendência do nível geral das condições materiais da existência, de que resultava e resulta um maior bem estar, sem se atingir contudo a satisfação integral dos sentimentos da alma, dada a imensidão, inconcebível dos voos de pensamento.

Algumas correntes filosóficas da antigüedad, sobre a conquista da felicidade humana, prescreviam a solução do problema na ação interna da abstenção, do estoicismo e resignação, sem qualquer reflexo e influência directa no organismo social.

A evolução dos povos manifestou-se, porém, por uma irradiação constante dos sentimentos individuais e pela sua infiltração em todas as esferas sociais, o que se deduz da ascenção épica descrita pela humanidade.

A força motriz de todo esse avanço e dessa transformação prodigiosa, na forma subjetiva e objectiva da vida, é sem dúvida a conquista da felicidade. Mas isso pode-se definir, talvez por um ponto luminoso, intangível, no infinito, que enche de luz inebriante a nossa natureza psíquica e que não podemos transportar aos domínios da realidade.

Não creio na felicidade de todos os seres da natureza; a menos que a felicidade perca toda a sua grandeza espiritual para se tornar um facto banal do mais puro materialismo.

Se todo o objectivo da actividade humana se resume afinal, ou tende e nos impele para a conquista da felicidade, quando tivemos alcançado esse objectivo terímos atingido o nosso fim, e portanto cesaria a toca a razão de ser da nossa própria existência. Pois que atingido ésses estados culminante deixariam de ser felizes, pela insipidez, pela monotonia, resultante da igualdade absoluta de impressões que ferissem a nossa sensibilidade.

Como toda a felicidade importa o sacrifício dum dôr é preciso um estado de sensações opostas para se ter a consciência de qualquer delas.

O homem pode ser escravo e sentir-se feliz e pode ser livre e sofrer muito.

A concepção da felicidade varia sempre no tempo e no espaço.

O problema é, pois, mais de igualdade económica e liberdade. A liberdade que cada um tem de dispor à vontade dos meios de satisfazer as suas necessidades, isto é, os meios de produção e a igualdade de condições materiais que permitem esse uso.

Consoante a necessidade se desenvolve no homem, assim ele procura criar e desenrolar os meios de a satisfazer.

Não me parece rigorosamente exacta a concepção materialista da história, formulada por Marx, de que "o modo de produção material determina todo o processo social, moral e espiritual dos povos."

Mais me parece que processo social, moral e espiritual determina o modo de produção, sendo este que influi naquele. Isto é, se os meios de produção podem alargar as nossas necessidades, antes as nossas necessidades faram a intensificação dos meios de produção. O que mais pode haver é uma reciprocidade de causa e efeito.

A rigidez e a exegética da concepção marxista pode conduzir-nos, por via directa, ao conceito autoritário.

Admitida a infalibilidade da fórmula temos que aceitar que uma modificação autoritária, brusca, do modo de produção, sendo este que influi naquele. Isto é, se os meios de produção podem alargar as nossas necessidades, antes as nossas necessidades faram a intensificação dos meios de produção. O que mais pode haver é uma reciprocidade de causa e efeito.

O conceito da expropriação capitalista surge como uma planta do próprio terreno da cultura, e reforçado e tornado intrínseco com a força da competência sindical, começa a dominar toda a ação operária.

Quando chega a este ponto cada categoria de trabalhadores organizados sabe que defende um sistema comum a todo o movimento proletário geral.

E desse modo a chamada consciência socialista não é a causa mas o efecto dum amplo e elaborado processo de interesse de classe. Como tal, não deve nem pode constituir princípio informativo da ação inicial das classes trabalhadoras agrupadas nos próprios órgãos de ofício."

Esta asserção é mantida em 1906 pelo autor.

Após 19 anos de intenso e fecundo movimento sindical a finalidade ideológica embrionária do Sindicato, para a expropriação económica da burguesia e consequentemente para o desaparecimento do Estado político-burguês, forja-se o objecto de uma necessidade sentida por todo o operariado organizado; e é em torno deste acto decisivo que gira toda a sua ação.

O sindicato tem, pois, bem legivelmente, gravado este lema: Luta contra o patronato e contra o Estado; expropriação económica da burguesia.

Compreende-se todavia que este desiderado só se atinja pela melhoria constante e momentânea das condições económicas da classe trabalhadora, o que contribui para elevar a sua mentalidade ao plano necessário para tornar efectiva essa colossal tarefa.

O treino resultante da ação quotidiana, as vitórias, os próprios revéses, constituem um método de experiência indispensável para avaliar a eficiência de todo o movimento. E se uma melhoria parcial parece levar-nos a uma situação acomodatícia e ao enfraquecimento da intensidade do combate, nem por isso a ação decai do âmbito largo e fecundo das aspirações de liberdade e finalidade socialista para uma fase egoísta.

Sabido é que a miséria económica determina a miséria moral, o depauperamento tolhe todas as energias e não permite o afloramento do brio e dignidade pessoal, a percepção nítida do direito que é o apanhaço do operário consciente. Portanto o critério simplista de quanto pior melhor é errado.

As condições da existência futura têm de ser gradual e metódicamente preparadas nas condições presentes.

A MOCIDADE PROLETÁRIA E O HORÁRIO DE TRABALHO

Tese a apresentar ao II Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas pela Comissão Organizadora

Preambulo

No I Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas apresentou o nosso malogrado camarada Diogo Homem Júnior uma tese sobre *Defesa moral do aprendizado*, sende nesse trabalho escalpelizado, energeticamente o tratamento rude dos trabalhadores adultos para com os aprendizes, e evitado o amor artístico dos nossos antepassados, terminando por propor a nomeação dum comissão pró-defesa do aprendizado,

que todavia — salvo erro — não chegou a fazer na enda em seu favor.

Mas contudo essa tese foi um trabalho incompleto, porque pouco ou nada se referia à maneira tórra como o aprendiz é tratado pelo patrão, porque, além da contestável evocação do passado, não explica a razão da deficiência artística do operariado e não apresentou, ao menos em simples linhas gerais, um plano concreto de acção capaz de ser posto em prática.

Não basta evidentemente a nomeação dum comissão se não se lhe apresentar uma directriz, um plano, sobre o qual deve actuar.

A presente tese procura preencher esta lacuna assim importante e concretizar, indicando sobre um plano prático, o que de vago e incompleto possuía a tese de Diogo Homem Júnior.

Quanto às duas primeiras deficiências notadas — "O aprendiz perante o patrônio e o amor artístico dos nossos antepassados" — ponho temos a dizer, porquanto o nosso ímigo agora não é exclusivamente escapular erros e maus que todos conhecem e sentem, mas apresentar um plano de acção pró-aprendizado que deve ser imediatamente posto em prática.

A manecira brutal como muitos profissionais tratam os aprendizes é um mero reflexo da ascendência brutal dos patrões e faz como que parte integrante do sistema patronal. E' um detalhe apenas.

Registemo-lo — como um dos múltiplos aspectos da tirania — e passemos adiante.

Quanto à deficiência artística do operariado, na actualidade, achamos a razão desse facto absolutamente natural.

São suas causas predominantes:

1.º O crescente mal estar económico diminuindo inversamente o valor dos salários e portanto aumentando a miséria do proletariado e tornando-o cada vez mais incapaz para trabalhos de grande folego artístico.

O pauperismo é incompatível com a arte.

2.º O mercantilismo moderno que, invadindo a indústria e o comércio, procura cada vez maiores e mais rápidos lucros para o insaciável capitalismo mesmo que seja à custa do aperfeiçoamento da mercadoria.

Abrirem-se mais amplamente as portas dos sindicatos e das escolas aos produtores, levou-se emfim ao seio da família um pouco mais de descanso, de harmonia e de prazer, que não havia quando o servo da gleba e o mecânico da cidade trabalhavam de sol a sol.

Trabalhar o menos possível, tal é o lema justo que deve ser seguido em quanto subsistem as actuais causas do mal estar social.

* * *

Mas se encaramos a leição deste movimento, ele diverge um tanto.

A pesar desta opressão tiranica e feroz que nos envolve, da podridão que nos assedia, a mocidade não perceberá.

À passo que nos nossos pais há uma decadência manifesta, basejada apenas pelos ventos da revolta, dentro de vós nasce e renasce continuamente uma força nova que sobreviverá à derrocada.

Se constatarmos a existência desta força renovadora da mocidade, temos o dever de estudá-la de modo que possamos torná-la, possivelmente, ainda mais forte, mais consciente e mais útil. E estudá-la é fazer da Juventude uma legião de homens livres, livres pelo intelecto, livres pelo coração, livres em todos os actos, mesmo os mais insignificantes, da sua vida pessoal e social.

São suas causas predominantes:

1.º Que se reclame do patronato por intermédio das 8 horas para entrar para a taberna — tudo por obra e graça do capitalismo — é certo também que os benefícios desta trágica campanha têm sido grandes.

Abrirem-se mais amplamente as portas dos sindicatos e das escolas aos produtores,

levou-se emfim ao seio da família um pouco mais de descanso, de harmonia e de prazer, que não havia quando o servo da gleba e o mecânico da cidade trabalhavam de sol a sol.

Trabalhar o menos possível, tal é o lema justo que deve ser seguido em quanto subsistem as actuais causas do mal estar social.

* * *

Mas se encaramos a leição deste movimento, ele diverge um tanto.

A pesar desta opressão tiranica e feroz que nos envolve, da podridão que nos assedia, a mocidade não perceberá.

À passo que nos nossos pais há uma decadência manifesta, basejada apenas pelos ventos da revolta, dentro de vós nasce e renasce continuamente uma força nova que sobreviverá à derrocada.

Se constatarmos a existência desta força renovadora da mocidade, temos o dever de estudá-la de modo que possamos torná-la, possivelmente, ainda mais forte, mais consciente e mais útil. E estudá-la é fazer da Juventude uma legião de homens livres, livres pelo intelecto, livres pelo coração, livres em todos os actos, mesmo os mais insignificantes, da sua vida pessoal e social.

São suas causas predominantes:

1.º Que se reclame do patronato por intermédio das 8 horas para entrar para a taberna — tudo por obra e graça do capitalismo — é certo também que os benefícios desta trágica campanha têm sido grandes.

Abrirem-se mais amplamente as portas dos sindicatos e das escolas aos produtores,

levou-se emfim ao seio da família um pouco mais de descanso, de harmonia e de prazer, que não havia quando o servo da gleba e o mecânico da cidade trabalhavam de sol a sol.

Trabalhar o menos possível, tal é o lema justo que deve ser seguido em quanto subsistem as actuais causas do mal estar social.

* * *

Mas se encaramos a leição deste movimento, ele diverge um tanto.

A pesar desta opressão tiranica e feroz que nos envolve, da podridão que nos assedia, a mocidade não perceberá.

À passo que nos nossos pais há uma decadência manifesta, basejada apenas pelos ventos da revolta, dentro de vós nasce e renasce continuamente uma força nova que sobreviverá à derrocada.

Se constatarmos a existência desta força renovadora da mocidade, temos o dever de estudá-la de modo que possamos torná-la, possivelmente, ainda mais forte, mais consciente e mais útil. E estudá-la é fazer da Juventude uma legião de homens livres, livres pelo intelecto, livres pelo coração, livres em todos os actos, mesmo os mais insignificantes, da sua vida pessoal e social.

São suas causas predominantes:

1.º Que se reclame do patronato por intermédio das 8 horas para entrar para a taberna — tudo por obra e graça do capitalismo — é certo também que os benefícios desta trágica campanha têm sido grandes.

Abrirem-se mais amplamente as portas dos sindicatos e das escolas aos produtores,

levou-se emfim ao seio da família um pouco mais de descanso, de harmonia e de prazer, que não havia quando o servo da gleba e o mecânico da cidade trabalhavam de sol a sol.

Trabalhar o menos possível, tal é o lema justo que deve ser seguido em quanto subsistem as actuais causas do mal estar social.

* * *

Mas se encaramos a leição deste movimento, ele diverge um tanto.

A pesar desta opressão tiranica e feroz que nos envolve, da podridão que nos assedia, a mocidade não perceberá.

À passo que nos nossos pais há uma decadência manifesta, basejada apenas pelos ventos da revolta, dentro de vós nasce e renasce continuamente uma força nova que sobreviverá à derrocada.

Se constatarmos a existência desta força renovadora da mocidade, temos o dever de estudá-la de modo que possamos torná-la, possivelmente, ainda mais forte, mais consciente e mais útil. E estudá-la é fazer da Juventude uma legião de homens livres, livres pelo intelecto, livres pelo coração, livres em todos os actos, mesmo os mais insignificantes, da sua vida pessoal e social.

São suas causas predominantes:

1.º Que se reclame do patronato por intermédio das 8 horas para entrar para a taberna — tudo por obra e graça do capitalismo — é certo também que os benefícios desta trágica campanha têm sido grandes.

Abrirem-se mais amplamente as portas dos sindicatos e das escolas aos produtores,

levou-se emfim ao seio da família um pouco mais de descanso, de harmonia e de prazer, que não havia quando o servo da gleba e o mecânico da cidade trabalhavam de sol a sol.

Trabalhar o menos possível, tal é o lema justo que deve ser seguido em quanto subsistem as actuais causas do mal estar social.

* * *

Mas se encaramos a leição deste movimento, ele diverge um tanto.

A pesar desta opressão tiranica e feroz que nos envolve, da podridão que nos assedia, a mocidade não perceberá.

À passo que nos nossos pais há uma decadência manifesta, basejada apenas pelos ventos da revolta, dentro de vós nasce e renasce continuamente uma força nova que sobreviverá à derrocada.

Se constatarmos a existência desta força renovadora da mocidade, temos o dever de estudá-la de modo que possamos torná-la, possivelmente, ainda mais forte, mais consciente e mais útil. E estudá-la é fazer da Juventude uma legião de homens livres, livres pelo intelecto, livres pelo coração, livres em todos os actos, mesmo os mais insignificantes, da sua vida pessoal e social.

São suas causas predominantes:

1.º Que se reclame do patronato por intermédio das 8 horas para entrar para a taberna — tudo por obra e graça do capitalismo — é certo também que os benefícios desta trágica campanha têm sido grandes.

Abrirem-se mais amplamente as portas dos sindicatos e das escolas aos produtores,

levou-se emfim ao seio da família um pouco mais de descanso, de harmonia e de prazer, que não havia quando o servo da gleba e o mecânico da cidade trabalhavam de sol a sol.

Trabalhar o menos possível, tal é o lema justo que deve ser seguido em quanto subsistem as actuais causas do mal estar social.

* * *

Mas se encaramos a leição deste movimento, ele diverge um tanto.

A pesar desta opressão tiranica e feroz que nos envolve, da podridão que nos assedia, a mocidade não perceberá.

À passo que nos nossos pais há uma decadência manifesta, basejada apenas pelos ventos da revolta, dentro de vós nasce e renasce continuamente uma força nova que sobreviverá à derrocada.

Se constatarmos a existência desta força renovadora da mocidade, temos o dever de estudá-la de modo que possamos torná-la, possivelmente, ainda mais forte, mais consciente